

O CORONEL NÃO VERÁ JAMAIS OS SEUS FILHOS

HUR

Luiz Fernando de Souza Emediato
Curso de Comunicação Social da FAFICH

As vésperas dos oitenta anos o coronel Salustiano pediu à mulher, com voz cansada e fraca, que escrevesse aos filhos e netos. Acordara sobressaltado, um infeliz presentimento atravessando-lhe na garganta angústias e terrores.

O coronel Salustiano tinha onze filhos e cinquenta e três netos, todos casados, e ainda cento e oito bisnetos, dos quais guardava, num pequeno álbum de capa preta, os pequenos e amarelos retratos. Há anos e anos, porém, não os via, pois recusavam-se a visitá-los, os velhos tristes e cansados a esperar a morte solitários e esquecidos.

Restava-lhe o consolo, todavia, de comunicar-se com os entes queridos através de longas cartas que ditava a Dorotéia, rouco e nostálgico, ao longo de noites e mais noites de desespero e insônia.

Naquela manhã insuportavelmente calorenta o coronel Salustiano não conseguira beber o seu costumeiro chá com torradas, e embora Dorotéia insistisse para que tomasse pelo menos o mingau de aveia, ele enredou-se na teia do silêncio, mantendo-se mudo enquanto a mulher não abriu a gaveta da cômoda e de lá extraiu folhas e mais folhas de papel de linho.

Salustiano, quase feliz, apoderou-se do canapé e de lá ditou frases que ela, um triste sorriso torcendo os lábios, alinhavava em parágrafos e parágrafos de recordações.

O coronel insistia em lembrar o passado, embora os filhos e os netos não quisessem e sequer suportassem viver de lembranças escassas e fugidias.

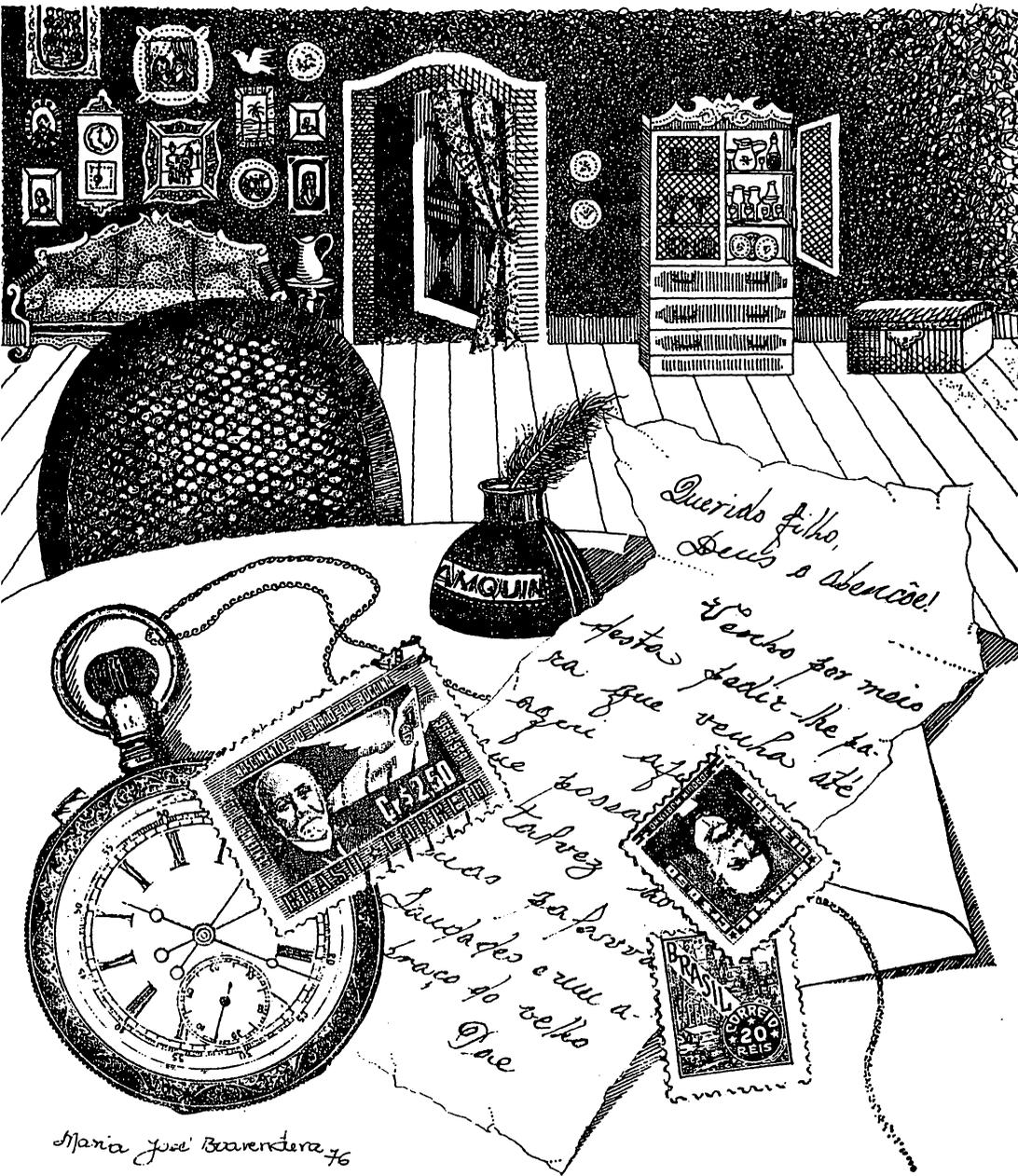
O coronel Salustiano tornou-se novamente criança, e Dorotéia ria e ria quando ele, as cartas já escritas e cuidadosamente dobradas, ajudou-a a colocá-las nos sessenta e quatro envelopes impecavelmente brancos. Quando saiu com o grande maço de papéis para depositá-los nos Correios, o coronel Salustiano beijou-a na face, e ela transpôs as ensolaradas ruas arrastando um cansaço satisfeito e sorridente.

Ao voltar, entretanto, entristeceu-se ao ver o marido ereto e hirto sobre o canapé, os olhos embaçados torturadamente fixos na parede em frente. Descascada e enverdecida pelo musgo, a parede guardava o antigo retrato empergaminhado que, há tempos e tempos, um fotógrafo atrevido insistira em vender-lhes após tê-los surpreendido, jovens e confiantes, à saída da igreja.

Acostumada às esquisitices do marido, foi para o quarto bordar. À noite, rolou horas e horas sobre a cama, desacostumada com a ausência do companheiro. De manhã, o rosto exausto por não ter dormido, levou-lhe chá com torradas, e ele sorveu o líquido ainda quente sem tirar os olhos do retrato. Mastigou as torradas com lentidão e desembaraço, sem permitir que partículas de pão se espalhassem pelo piso, e só então perguntou à mulher se remetera as cartas.

Durante o dia inteiro não arredou pé do lugar, e novamente Dorotéia torturou-se, no leito, recordando antigos tempos em que o marido, forte e soberbo, extinguiu-lhe no corpo o medo dos fantasmas da infância.

O coronel Salustiano descendia de uma estirpe nobre e orgulhosa do nome, mas no fim da vida sofria com o fato de ser o último de uma raça gloriosa e rica de vitórias. Seu pai, o Major, nascido em Ponta Porã, obtivera medalhas de ouro e prata por atos de bravura nas batalhas de Tuiuti e Campo Grande, mas há muito nem sequer os netos vinham mais vê-las, brilhantes e bem polidas, no armário antigo onde testemunhavam uma longínqua Guerra do Paraguai.



Querido filho,
Deus o abençoe!

Espero por mais
esta febre - he fa-
ca que venha ste
agora para
que possa
talvez no
suas sa-fer-
Saudades e um a-
braco do velho
Que

Maria José Beavendera 76

Passava os dias a lembrar com Dorotéia épocas arcaicas e perdidas, e quando lia os jornais comentava os fatos cotidianos como se os visse de fora. Não aceitava o mundo e as coisas da vida, e quando via o presidente no quadrado estreito do televisor soltava imprecações e dizia à mulher da bondade extrema do Imperador D. Pedro II.

Dorotéia ouvia a tudo submissa e paciente, receosa de enervá-lo com palavras duras. Na velhice, amava-o ainda como nos primeiros dias, sendo-lhe doloroso contrariar os menores desejos de quem, à noite, acolhia-a dócil e serena nos magros, porém ainda fortes e rijos braços.

Os dias foram passando e o coronel Salustiano, cada vez mais magro e mais triste, não conseguia desviar os olhos amarelos do retrato em que, sorridente, abraçava os ombros estreitos e frágeis da esposa jovem e cheia de viço. E Dorotéia, ainda sem se acostumar com a largura imensa do leito em que passara a dormir sozinha, entristecia-se a ponto de permitir que pelas faces enrugadas deslizesse, de minuto a minuto, uma tímida lágrima logo roubada aos olhos do marido.

Inquieta, transitava pela casa sem cessar, e quando passava pela sala olhava para o velho como se sua presença fosse um acontecimento fantástico e extraordinário. O coronel agora recusava-se a receber sua costureira ração de chá com torradas, e sequer se movia quando ela, cansada de andar sem rumo pelo casarão vazio, sentava-se à sua frente para fazer tricô.

Somente uma vez ele tirou os olhos do gasto retrato para perguntar-lhe, a voz temendo a resposta, se alguém respondera às cartas. Dorotéia, reprimindo uma lágrima para que ele não visse que sofria, respondeu-lhe com o silêncio, e ele entendeu então que ninguém atenderia a seu último e desesperado apelo.

A cada dia envelhecia um ano, mas Dorotéia já não se assustava quando, de manhã, ao levar-lhe o chá que ele recusaria como sempre, olhava sem compreender as novas rugas que lhe nasciam na face.

Certa manhã, um canário amarelo penetrou na sala pela janela, pousou no ombro do coronel e entoou um estridente e cortante lamento. Salustiano, surpreendido, tirou pela primeira vez, em muitos dias os cansados olhos do retrato. Seguindo o vôo do pássaro através dos quatro cantos da sala, sentiu-se triste e abandonado ao se descobrir sozinho na sala, o canário tendo fugido pela janela.

Quando Dorotéia chegou à sala pediu-lhe que comprasse, no mercado, todos os canários que encontrasse. Durante dias e dias maravilhou-se a ouvir, enquanto olhava o retrato, o canto de dezenas e dezenas de pássaros aprisionados em gaiolas e mais gaiolas espalhadas como quadros pelas paredes cobertas de musgo verde.

Julgou Dorotéia então que Salustiano retornaria ao convívio dos homens, mas tão logo os pássaros começaram a fazer parte da rotina o coronel voltou ao seu martírio. Não quis abandonar o canapé em que erigira seu reino, e Dorotéia, decepcionada, acostumou-se afinal com a tortura de passar noites e mais noites sozinha no grande e largo leito vazio.

No décimo-sétimo dia após o envio das cartas o coronel Salustiano manifestou o desejo de folhear o álbum de fotografias da família, e neste afazer passou toda a longa noite de um chuvoso sábado cinzento. Na manhã de domingo, ao sair para a missa, Dorotéia recolheu no piso estragado da sala centenas e centenas de papeizinhos meticulosamente rasgados. Lá fora a chuva cessara e o sol queimava a terra como se quisesse rachá-la em milhares e milhares de pedaços.

Salustiano, rígido, contemplava o retrato na parede, a pele enrugada molhada de lágrimas aflitas. Pela primeira vez em toda a sua vida Dorotéia falhou à missa dominical para, solícita e amargurada, consolar o marido. Das gaiolas, os canários entoavam uma sinfonia alegre e estridente. Através das brancas cortinas da janela o sol penetrava radiante, desenhando no piso curiosas figuras coloridas.

Junto com o sol, atravessavam a cortina desnorteadas mariposas que insistiam em perder no tapete as pequeninas e débeis asas translúcidas.

“Eles não virão jamais”, disse então o coronel com a voz entrecortada de soluços. “Sim, eles não virão”, concordou Dorotéia, e também ela soluçava, velha e encarquilhada sob o peso de sua amarga impotência. Sabia que a eles, os dois velhos condenados a morrer na solidão, nada mais restava que aguardar a morte.

Não foi sem surpresa, todavia, que, na manhã seguinte, ao acordar após uma noite de sobressaltos e suores, encontrou o marido com o queixo afundado no peito, uma das mãos caída ao longo do corpo e a outra apertada rigidamente contra a garganta.

O coronel Salustiano encontrara afinal apaziguamento para suas torturas, e ela o invejava agora, tomando-se de apreensão e medo ao pensar que, até o final dos dias, sofreria não só com o leito vazio, mas com a sala e todos os quartos da casa silenciosos e irremediavelmente mortos.

Nas gaiolas, os canários entoavam, sombrios e graves, um triste e desesperado réquiem.

No cemitério, Dorotéia sorriu com dificuldade para o padre e para os dois coveiros, agradecendo-lhes comovida a caridade de não a terem abandonado. Transpôs o caminho até o portão negro e enferrujado com surpreendente dignidade e até chegar à casa vazia, onde na sala os canários abstinham-se de cantar, não baixou por um só momento a altiva cabeça.

Os filhos e netos começaram a chegar na manhã seguinte, trazendo, em seus carros brilhantes, estridentes e irrequietas crianças magras. Entravam um a um pela porta escancarada e, impassíveis, ficavam a ouvir, dominadas pelo silêncio, o vago tiquetaquear do relógio sobre a cômoda. Nas paredes, dezenas de gaiolas vazias. Na parede em frente ao canapé, o antigo retrato partido em pedaços. E no canapé, magra e abandonada, uma mecha de cabelos cobrindo a face, Dorotéia e seu fracasso, o queixo afundado no peito, uma das mãos caída ao longo do corpo e a outra apertada, rigidamente, contra a garganta.